

PRAGMÁTICA NA ANÁLISE DO DISCURSO

SÍRIO POSSENTI
(UNICAMP)

“... ce qui manquait et ce qui manque encore en partie, c'est une théorie non subjective de la constitution du sujet dans sa situation concrète d'énonciateur” (Pêcheux e Fuchs, 1975)

Este trabalho correrá vários riscos mais ou menos previsíveis. Dentre eles, o de duas possíveis acusações: ecletismo e pretensão de completude. Mesmo assim, vou em frente. Da primeira acusação, defendo-me previamente, alegando que, se os objetos são complexos, as teorias não podem ser simples¹ e que teorias locais (ou teorias auxiliares) são uma tradição na história das ciências. Em outros termos, tendo que optar, prefiro evitar o reducionismo a temer a acusação de ecletismo. Quanto à segunda acusação possível, se ocorresse, eu a desconheceria, seja porque vem sempre acompanhada de associações com logocentrismo (associação que não quero evitar, pelo contrário), seja porque não considero que qualquer pretensão de conhecer *mais* deva ser confundida com o sonho de conhecer *tudo* (afinal, também pesquisadores do quilate de Lacan certamente desejaram conhecer mais do que se conhecia em seu tempo, e é de Althusser a avaliação de que Freud descobriu um continente *novo* para o conhecimento - apesar de Freud e Lacan serem associados muitas vezes a um desprestígio da razão). A propósito, este parece ser o momento de enunciar um truismo: exatamente porque as teorias são históricas é que estão sujeitas à história, e é fortíssima a hipótese de que a história ainda não acabou. A carruagem² não corre apenas para estar na história até um certo momento (modestamente, aquele em que estamos), mas também para ir adiante, embora, provavelmente, para uma direção imprevista e até mesmo indesejada, embora não por todos.

Enquanto trabalho neste texto (que me foi solicitado tivesse de alguma forma um caráter de depoimento sobre como vejo a pragmática a partir dos trabalhos que estou fazendo), meu sentimento é o de não estar propondo uma solução (ainda, pelo menos),

¹ Sobre a quase constante falha da simplicidade das teorias, ver Bunge (1974), em especial pp. 153 - 8.

² Ver Löwy (1987).

mas apenas um problema. E é o que me bastará, se puder ser bem sucedido em sua formulação.

A inclusão ou exclusão, em uma teoria do discurso, de pontos de vista da pragmática, da história ou da psicanálise não é obviamente uma questão simples: nem se deve crer que seja ditada apenas pelos fatos, o que seria empirismo grosseiro, nem que seja ditada exclusivamente pela decisão do pesquisador de favorecer uma hipotética pureza teórica. Trata-se, em geral, de uma questão de política de conhecimento. Mas pode ser, também, e freqüentemente o é, uma questão de preferência (o que não significa que se trate de uma escolha absolutamente livre, de gosto pessoal - este tipo de psicologismo, sim, precisa ser descartado, se bem que certamente se poderia dizer que também o gosto “pessoal” é construído historicamente). Muitas vezes, também, trata-se de pôr em relevo um dos aspectos do problema. Afirmar que determinado aspecto é relevante não deveria significar (que se quer dizer) que se trata do único aspecto relevante. É relativamente freqüente, tanto nas chamadas ciências da natureza quanto nas chamadas ciências humanas, que uma teoria não seja global - basta ver as querelas constantes (mesmo nas ditas ciências da natureza) e os esforços para a construção de teorias unificadas, já que os que trabalham nos vários campos são forçados a reconhecer que o seu fornece apenas uma visão parcial dos problemas. É especialmente em teorias que consideram constitutiva a idéia da dispersão dos discursos que seria estranho que as teorias dos outros ou as outras teorias não pudessem ser consideradas e, mesmo, parcialmente apropriadas.

Nos últimos anos, tenho dedicado boa parte do meu tempo a trabalhar sobre textos humorísticos, notadamente piadas. Mesmo quando não estou analisando tais dados, esse trabalho marca, de certa forma, as outras atividades, em especial quando se trata de discutir - explicitar, defender, questionar - algum dos temas centrais para a análise do discurso ou alguma das abordagens características desses temas centrais por parte da Análise do Discurso Francesa - doravante, AD. Ou seja, meu trabalho como analista do discurso ficou cada vez mais marcado pelas “descobertas” que fiz analisando textos humorísticos. Uma desses “descobertas” é que a AD não só não precisa dispensar a pragmática, uma certa pragmática, alguns problemas ou sugestões de uma certa pragmática, mas até mesmo necessita urgentemente encontrar uma forma de incorporá-la a seu aparato teórico-metodológico³.

Para deixar claro o ponto de partida deste texto (que é em boa parte o ponto de chegada dos trabalhos que tenho feito sobre humor) apresento a seguir uma formulação genérica e absolutamente acaciana (uma analista do discurso mais fanático preferiria que eu escrevesse “à La Palice”) que, mais adiante, espero tornar tanto substantiva quanto problemática:

³ Eu não proporia, em princípio, que um pragmaticista incorporasse os princípios das AD, mas, de fato, há alguns que não os desprezam totalmente. Por exemplo, a abordagem que Dascal chama de “sociopragmática” não desconhece, em suas análises, a relevância de fatores da ideologia, e a leitura sociopragmática que Dascal (1985) efetuou de Freud, no que se refere à linguagem dos chistes e dos sonhos, seria certamente inspiradora para psicanalistas interessados em problemas cruciais de linguagem. Penso que não se devem desprezar, também, as leituras de Freud e Lacan a partir da pragmática, embora eu as conheça apenas através da reflexão de Costa (1994a e 1994b).

Qualquer teoria do discurso deve tentar explicitar o papel dos fatores propriamente lingüísticos, dos fatores pragmáticos e dos fatores históricos, já que todos são relevantes para a análise dos textos ou discursos - embora, provavelmente, de maneira desigual.

Assim formulada, a “descoberta” pode parecer banal. No entanto, penso que não o é. Em primeiro lugar, porque não é necessário conceber os três domínios como se fossem independentes uns dos outros, como se fossem uma espécie de três níveis. Em segundo lugar, por causa das características específicas da teoria de discurso que adoto, embora um pouco criticamente. A AD não é uma teoria do discurso que possa ser descrita como uma pragmática ampliada para o texto, notadamente porque se constrói sobre concepções de linguagem, de sujeito e, sobretudo, de sentido marcadas pelo marxismo e pela psicanálise⁴ (embora ambos, de certa forma, marcados pelo estruturalismo), domínios teóricos cujas influências são praticamente nulas tanto nas teorias de texto quanto, em geral, nas teorias de linguagem típicas da lingüística. Estas diferenças são tão relevantes que é comum lingüistas reclamarem do fato de a AD dedicar-se a temas que ou não estariam no domínio da lingüística ou, se estão, têm, na lingüística e na AD, tratamentos completamente incompatíveis. Razão pela qual os analistas do discurso também dizem mal dos lingüistas.

Que um analista do discurso filiado à AD invoque os fatores lingüísticos pode não ser muito surpreendente (mas, lamentavelmente, às vezes também o é); que invoque os fatores históricos é obviamente o que se espera, mesmo que não os defina. Espera-se muito, também, que invoque a psicanálise. Mas, que invoque os fatores pragmáticos, isso pode ser problemático⁵. Pois bem, é a essa invocação que as pesquisas me levaram, e dela não posso - nem quero - fugir, o que, diga-se, seria bem mais fácil.

Em seguida, explicitarei minimamente os três campos mencionados e apresentarei um esboço de como se poderia tentar conjugá-los. Talvez devesse dizer melhor: *por que* devem ser conjugados, mais do que *como* se pode fazê-lo. É que me parece evidente que devem ser conjugados, que há razões empíricas para propor tal tese. Como isso se faria é uma questão de construção metodológica talvez nada simples. Esclarecendo os traços fundamentais relativos aos campos envolvidos na minha pesquisa, poderei explicitar um pouco a afirmação genérica que fiz acima, e também delinear uma espécie de programa para o trabalho necessário.

Espero deixar claro que o ponto específico deste trabalho está na proposta de uma determinada *conjunção da pragmática e da análise do discurso*, teorias que, em princípio, não “conversam” entre si. As literaturas e, ainda mais, as declarações informais dos que trabalham segundo as diferentes perspectivas atestam amplamente

⁴ De fato, quando a influência é mais do marxismo ou mais da psicanálise, isso faz uma notável diferença, apesar do freudo-marxismo de Althusser (ver Althusser 1978).

⁵ Para a AD, qualquer associação com a pragmática é vista como um desvio teórico insuportável. Numa obra típica de AD, lê-se, por exemplo, que um dos pressupostos básicos da AD é a “rejeição da existência de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso” (Serrani 1993). Não tenho certeza de que a pragmática despreveria seu próprio sujeito como “origem enunciativa de seu discurso”, mas, certamente, esta apresentação do sujeito tem muito a ver com o sujeito da pragmática (que Robin (1975) caracterizou como o sujeito de antes de Marx e de Freud).

que estes programas comportam-se como se fossem incomensuráveis. Tal incomensurabilidade pode ser facilmente atestada. Dou exemplos: ao falar de texto ou de discurso, os analistas de discurso tematizam o interdiscurso, a polifonia, o processo histórico de produção; os “pragmaticistas” tematizam a coesão, a coerência, o processo interpessoal de produção e compreensão. Categorias relevantes para os analistas do discurso são o pré-construído, a memória discursiva; para os “pragmaticistas”, a memória de curto ou longo prazo, o conhecimento partilhado. A pergunta que me faço é se cada um dos programas pode, sem perdas relevantes, dispensar-se de considerar as propriedades do acontecimento discursivo que o outro campo considera constitutivas.

Não me preocuparei, em definir o sentido da expressão “fatores propriamente lingüísticos”, pois, embora os limites da língua sejam mutáveis, conforme as teorias, creio estar no direito de supor que se pode entender mais ou menos consensualmente o sentido dessa expressão, para os efeitos aqui relevantes. Queria apenas assinalar que a menção dos fatores lingüísticos, a depender do grau de radicalidade pelo qual se avalia a análise do discurso e/ou a pragmática em sua relação com um domínio “puramente” lingüístico, pode constituir-se já em problema, e não apenas em falta de consenso, na medida que invocar a relevância do lingüístico (do semântico, em especial) pode convidar a inferências inaceitáveis para alguns pragmaticistas e analistas do discurso. Basta pensar na hipótese de o discurso sobre os fatores lingüísticos postar-se do lado da defesa de um sentido “lingüístico”, eventualmente literal, por exemplo⁶. Falar da relevância do lingüístico pode também implicar, algumas vezes, logocentrismo e imanentismo, ambos consideradas, por pragmaticistas radicais e por alguns analistas do discurso, como equívocos que ainda assolam a lingüística.

Para exemplificar a necessidade de consideração de fatores exclusivamente lingüísticos (o que não se deve confundir com a consideração exclusiva de fatores lingüísticos), apresento a análise sumária de uma piada que já analisei alhures:

(1) - Um cara vai ao cinema, e, antes do filme começar, vai ao banheiro. Quando vai sair do banheiro percebe que ficou trancado. Mas, a porta tem um buraco, pelo qual vê o filme. Qual o nome do filme?
- ...?
- [Vidaprivada]⁷

⁶ Penso, por exemplo, em como seria relevante retomar este tópico, que é um antigo problema para a AD, e que foi formulado assim por Pêcheux e Fuchs (1975:173-4): “O que faz falta atualmente é uma teoria do funcionamento material da língua em sua relação consigo própria, isto é, uma sistematicidade que não se opõe ao não sistemático (língua/fala), mas que se articula em processos. Se convencionarmos chamar “semântica formal” à teoria deste funcionamento material da língua, pode-se dizer que o que falta à análise lingüística é precisamente uma semântica formal que não coincide de modo nenhum com a “semântica discursiva” evocada acima. A expressão “semântica formal” (...) que definiremos adiante como o último nível de análise lingüística, atingiria, neste sentido, o lugar específico da língua, que corresponde à construção do efeito-sujeito”.

⁷ Transcrevo a seqüência entre colchetes apenas para indicar que ela é pronunciada sem nenhuma pausa; isto é, trata-se de uma transcrição que utiliza os colchetes tal como nas transcrições fonéticas, mas dando destaque apenas a uma das características fonéticas desta seqüência: o fato de que não há pausas ou segmentações a priori e porque a piada precisa exatamente desta “ambigüidade” para funcionar como tal.

Qualquer análise desta piada deve passar pela consideração do fato de que o último enunciado pode ser segmentado de duas maneiras (“vida privada” e “vi da privada”). Para explicar esta dupla segmentação possível, a teoria lingüística adotará algum procedimento de descoberta produtivo no domínio da morfologia e, provavelmente, algum princípio válido no domínio fonético-fonológico, que dê maior garantia à análise efetuada pelos critérios morfológicos (podem ser, respectivamente, o princípio de comutação e a hipótese de o acento ter em português algum papel delimitativo). Pode-se ir um pouco além, analisando uma das cadeias como se sua estrutura fosse, em alguma instância, “(eu) vi (o filme) da privada”, o que exige uma teoria capaz de explicitar como se recuperam e interpretam categorias não presentes na superfície (aqui representadas entre parênteses). Ora, estas análises são exclusivamente lingüísticas. Nitidamente, a análise de uma piada não pode parar neste ponto, mas não pode, também, deixar de passar por ele (embora alguns analistas possam considerar este passo banal, óbvio ou simplesmente chato demais). Para a AD, como se sabe, a língua tem uma autonomia parcial (e os praticantes escrupulosos têm sempre que decidir se se trata de uma autonomia, embora parcial, ou se, embora parcial, trata-se de uma autonomia - caso em que a ordem dos fatores é profundamente relevante).

Um lingüista poderia aceitar tranqüilamente esta versão da análise, ressaltados detalhes. Um analista do discurso influenciado pela visão da AD, no entanto, problematiza esta concepção de língua (abaixo, ver-se-á porque⁸). O que às vezes não fica muito claro nos discursos que a problematizam, que falam do equívoco e do efeito de sentido, sem descrever a estrutura equívoca e sem definir e circunscrever o efeito de sentido, é se se pode dispensar esta análise. Eu diria que não se pode, sob pena de não analisar-se a piada (ou outro texto qualquer).

Se definirmos a pragmática pela sua via mais clássica, lembrando Morris, falar da relevância de fatores pragmáticos será postular a necessidade de levar em conta o papel do próprio falante na análise de fatos da linguagem. De uma certa maneira, poder-se-ia dizer que a AD faz a mesma coisa, e, por isso, ela nem deveria distinguir-se da pragmática. De fato, há análises de discurso que se distinguem da pragmática basicamente porque tomam textos como seus objetos de análise, ao invés de enunciados mais simples. Mas, há uma análise do discurso que quer distinguir-se, e se distingue efetivamente da pragmática - teórica e ideologicamente -, em grande parte como decorrência de uma diferente concepção desse mesmo falante - pela diferença de discurso sobre o sujeito. A AD, por ser marcada pelo estruturalismo, pela psicanálise e pelo marxismo (o que pode parecer uma salada de ingredientes incompatíveis...), se caracteriza, em sua relação com a pragmática, por uma recusa total de determinados ingredientes que são fundamentais para essa última.

⁸ Mas, algo já pode ser antecipado. Suponhamos, o que parece muito razoável em termos de conhecimento de mundo - no caso, de filmografia -, que a segmentação “Vida privada” seja considerada mais tipicamente o nome de um filme e que “vi da privada” seja o *outro discurso* que está “sob as palavras” que constituem o título. Uma visada discursiva marcada pela “releitura lacaniana de Freud” veria nesse exemplo um caso típico a ilustrar a seguinte postulação, também típica da AD, formulada por Authier-Révuz: “Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da ‘pontuação do inconsciente’”(Authier-Révuz (1982:28).

Sumariamente: para a pragmática, a relação do falante com a língua é postulada de forma não só a permitir, mas a exigir que o falante individual (falante ou ouvinte) seja concebido com detentor de um certo *conhecimento* em relação à língua e às circunstâncias de utilização da língua, sendo, por isso mesmo, capaz de realizar, na posição de ouvinte/leitor, cálculos relativamente sofisticados (e relativamente conscientes) a partir dos quais, por exemplo, seleciona, dentre os fatores do contexto, aqueles que são relevantes para interpretar adequadamente uma certa seqüência lingüística e, simetricamente, na função de falante/autor, sendo capaz de realizar um cálculo semelhante, para escolher as formas mais adequadas para obter os efeitos que deseja da forma mais eficaz possível, em função de suas *intenções*. Em resumo: o falante *sabe* o que está acontecendo quando participa de um evento discursivo e tem, ao participar dele, *intenções* que busca tornar conhecidas e *objetivos* que busca concretizar. A pragmática (neste sentido, talvez, na esteira da gramática gerativa) invoca um certo saber do falante, e deve tomar esse saber como um ingrediente relevante para a análise de textos (muito freqüentemente, conversações). Para tanto, deve basear-se em determinadas psicologias que expliquem como é que o falante sabe o que sabe, e estabelece, entre tipos de saber distintos, relações instantâneas de relevância capazes de produzir os efeitos intencionados (ver, por exemplo, Grice (1967) e Sperber & Wilson (1986)).

Para exemplificar a relevância da pragmática, ou seja, daqueles ingredientes que são de responsabilidade do falante que participa de um evento discursivo, vou utilizar duas fontes de arrimo. Algumas citações de Bakhtin (o que espantará alguns leitores) e um chiste anotado por Freud, cujo comentário rápido é certamente interessante.

Em primeiro lugar, Bakhtin (1975), que não desconhecia Freud e é uma das fontes a partir das quais foi constituída a versão de Authier-Révuz relativa à heterogeneidade do discurso. Podemos ler em Bakhtin passagens como as seguintes, nada “estruturalistas”, no sentido de que, embora privilegiando o social, o histórico, o ideológico e o outro, não transforma o eu, o autor, o leitor em meros vetores, lugares, nem destitui a enunciação de seu caráter circunstancial, apesar de considerar que o diálogo é algo que ocorre mais propriamente entre textos do que entre locutores:

“O verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilingüismo dialogizado, anônimo e social como linguagem mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual” (p. 82).

“A compreensão passiva do significado lingüístico de um modo geral não é uma compreensão; é apenas seu momento abstrato, mas é também uma compreensão *passiva* mais concreta do sentido da enunciação, da idéia do falante. Permanecendo puramente passiva, receptiva, não trazendo nada de novo para a compreensão do discurso, ela apenas o dubla (...) ela não vai além do limite de seu contexto e não enriquece aquilo que foi compreendido. (...) Na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa: ela liga o que deve ser compreendido ao *seu próprio* círculo, expressivo e objeto e está

indissolúvelmente fundido a uma resposta, a uma objeção motivada - a uma aquiescência” (p. 90).

“A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com sua orientação semântica e expressiva” (p. 100).

“O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador (...), mas também no objeto da narração, e também realiza o ponto de vista do narrador. Por trás do relato do narrador nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e, além disso, sobre o próprio narrador. Percebemos nitidamente cada momento da narração em dois planos: no plano do narrador, na sua perspectiva expressiva e semântico-objetal, e no plano do autor que fala de modo refratado nessa narração e através dela. Nós adivinhamos os acentos do autor que se encontram tanto no objeto da narração quanto nela própria e na representação do narrador, que se revela no seu processo. *Não perceber esse segundo plano intencionalmente acentuado do autor significa não compreender a obra*” (pp. 118-9 - ênfase acrescida).

Após afirmar que o homem tem relação com várias linguagens, Bakhtin refere-se ao camponês dos confins do mundo, que reza a Deus numa língua, canta suas canções em outra, fala uma terceira em sua família e ainda uma quarta com o escrivão, e assinala que esse camponês não sabe olhar para uma língua com os olhos da outra. Mas, em seguida, em nota de rodapé, de certa forma se desdiz, nos seguintes termos:

“Na verdade, fizemos uma simplificação proposital: em certa medida, o camponês verdadeiro sabia fazer isso e o fazia” (p. 102)

Veja-se agora esse interessante exemplo buscado em Freud (1905), e que poderia ter sido utilizado por Grice para ilustrar seus princípios conversacionais:

“Gostaria de discutir ainda uma outra interessante característica de técnica do chiste, em conexão com um exemplo de chiste de deslocamento. Certa vez, quando fizeram a Gallmeyer, atriz de gênio [no decorrer de um exame oficial] a importuna pergunta 'Sua idade?', conta-se que ela respondeu com o tom de voz de uma Gretchen e com os olhos timidamente abaixados: “em Brünn”. Eis um modelo de deslocamento. Indagada sobre sua idade, respondeu dando o lugar de seu nascimento. Antecipava-se assim à pergunta seguinte *deixando entendido que ela ficaria contente em saber que aquela questão fora ultrapassada*. Mas sentimos que neste exemplo a característica dos chistes não se expressa em toda sua pureza. *É bem claro que a pergunta foi evitada, sendo a substituição óbvia demais. Nossa atenção compreende de imediato que se trata de um deslocamento intencional.*” (p. 176-7, nota 1 - ênfases acrescidas).

Ao que tudo indica, e penso que com boas razões, Freud acreditava que a atriz em questão (e não só ela), sabia bastante bem o que estava fazendo, manipulava regras de comportamento lingüístico (discursivo, conversacional) que sua história lhe permitira conhecer. Creio que se pode afirmar, sem temor de equívoco, que a atriz esperava poder supor que seu interlocutor entendesse sua “intenção”, principalmente se supusermos, e penso que se pode fazê-lo sem erro, que neste chiste está envolvida de forma relevante uma atitude atribuída às mulheres de esconder a idade, atitude que, no entanto, não pode ser explicitamente assumida. Mas que é explicitamente comentada em numerosas circunstâncias, e, portanto, conhecida, podendo, pois, ser suposta como parte do conhecimento do interlocutor da atriz (e dos leitores do chiste).

Ora, sumariamente, para a Análise do Discurso Francesa, tanto os elementos lingüísticos (em especial, o sentido) quanto os elementos das condições de produção são concebidos como se fossem inacessíveis ao sujeito, de maneira que a relação que o sujeito tem com eles pode ser descrita como de desconhecimento⁹. Ele pode pensar que sabe, mas não sabe. O falante não sabe o que diz porque não sabe o que é, segundo a formulação de Lacan. Segundo essa concepção, o sujeito é mais uma peça e uma função do que agente ou mesmo ator. É concebido como um efeito do discurso (efeito que pode ser diferente em diferentes tipos de discurso). Pelo fato de ter incorporado os pontos de vista da psicanálise, a AD recusa qualquer psicologia, reduzida a “psicologismo”. Considera que a pragmática ainda se baseia num sujeito de antes de Marx e de Freud. Em resumo, para a AD, o saber do falante não é, não pode ser levado em conta. Seria um escândalo falar em competência comunicativa no interior dessa teoria que privilegia, quando não torna exclusivo, o inconsciente (e seu correlato, a ideologia).

Ora, minha experiência de analisar piadas, tentando fazê-lo sem abrir mão das convicções de um analista do discurso, embora nitidamente eu privilegiasse a descrição lingüística, colocou-me exigências que deixam um analista do discurso numa encruzilhada. É que, retomando em outras palavras a tese que venho defendendo neste texto, para que uma piada funcione são necessários: a) ingredientes lingüísticos, o que exige uma teoria lingüística explícita - talvez não exatamente uma teoria escolhida dentre as canônicas ou, pelo menos, não deixada intocada - para a análise das piadas, já que nelas alguma característica peculiar da língua aparece de forma concentrada; b) tabus, temas recalcados, assuntos (discursos) controversos, discursos prévios - o que exige a consideração de pontos de vista teóricos da história, da psicanálise (eventualmente da antropologia), em especial para entender-se como tais questões (re)aparecem e como tais textos são interpretados; c) finalmente, contadores e ouvintes reais de piadas, gente *também* de carne e osso, que sejam competentes nessa atividade. O que significa, basicamente, que eles manifestem capacidade de analisar, se possível instantaneamente, elementos lingüísticos freqüentemente muito sofisticados e complexos, e os conectem, também instantaneamente, com fatores contextuais ou intertextuais mais ou menos complexos, e de forma relevante. Para explicar tais operações, exige-se alguma teoria psicológica do conhecimento e da memória, bem

⁹ Ver a tese dos duplos esquecimentos em Pêcheux e Fuchs (1975).

como uma concepção de sujeito ativo¹⁰, que trabalha, que produz conexões, e não meramente afetado pelo discurso - embora possa também sê-lo. De certa forma, deve-se admitir que um falante conhece sua língua e sua cultura para que possa contar e entender uma piada - já que essa etapa é uma condição necessária para que haja uma reação na forma de riso, menos ou mais prazeroso, conforme seja mais ou menos “recalcado” o tema da piada. Ele até pode não saber de onde advém o prazer que as piadas lhe provocam, mas deve saber, de alguma maneira, como ter acesso a ele e como provocá-lo no ouvinte.

Os elementos da história são relevantes nas piadas, em termos genéricos, pela razão de que só há piadas em terrenos que se tornaram lugares de discursos bastante controlados - tabus, de alguma forma. Só a história pode explicar a existência desses lugares. Essa característica das piadas pode ser explicitada dizendo-se que as piadas são um tipo de texto que veicula um discurso que sofre algum tipo de controle, de repressão. Por exemplo, se há piadas racistas é porque há racismo e este é, de alguma forma, escondido, reprimido, controlado. A existência de racismo como ideologia produz, como um dos efeitos, variados tipos de textos que veiculam um complexo discurso racista. Um desses textos é a piada racista. O que vale para a piada racista vale para algumas de outro tipo, as que tematizam etnia ou diferenças regionais. Por exemplo, se há piadas sobre chicanos nos EUA é porque os chicanos são um problema para os americanos¹¹ (assim como o português é para o brasileiro, o gaúcho para o catarinense etc); se há piadas sexistas em todas as culturas que produzem piadas - e, aparentemente, todas as culturas o fazem - é porque o sexo é tema para um discurso marcado por alguma forma de controle nas sociedades que produzem piadas sexistas.

Os elementos tratados tipicamente pela psicanálise são relevantes nas piadas principalmente pela sofisticada explicação que a psicanálise propõe para a questão do tabu e de outros controles sobre as pulsões dos sujeitos. Teorias antropológicas e sociológicas também tratam dos tabus, mas, por exemplo, não poderiam explicar a conexão entre a violação de um tabu e o prazer que isso provoca num sujeito. O prazer decorrente da violação do tabu é mais óbvio quando se trata do cômico verbal puro e simples, que se produz freqüentemente pela simples enunciação de expressões como as chamadas de baixo calão - palavrões ou histórias escabrosas. Mas, essa violação pode ser mais sutil, e um dos casos é quando ela é indireta, efetuada pela enunciação de um discurso proibido “disfarçado” em outro discurso. Por exemplo, se Chiaro (1992) tiver razão, as piadas que os americanos produzem a respeito dos chicanos, além de serem um sintoma de discriminação social, de racismo - um dos tipos de discurso em que essa discriminação se manifesta -, são também uma vingança motivada pelo fato de os

¹⁰ Trata-se, no fundo, da mesma problemática, quando a questão é o conhecimento científico, terreno que é dividido pelas teorias “ativistas” e “passivistas”: “sustentam os “passivistas” que o verdadeiro conhecimento é a marca impressa pela Natureza numa mente perfeitamente inerte (...); ... os “ativistas” sustentam que não podemos ler o livro da Natureza sem atividade mental...” (Lakatos (1965:126).

¹¹ Como assinala Freud (1905:122-3), o chiste é também uma forma civilizada de agredir, ou de substituir a agressão. Cita, a propósito, a seguinte frase de Lichtenberg: “Onde agora dizemos “Desculpe-me” costumávamos dar um soco nos ouvidos”. Freud está tratando dos chistes hostis, cuja função pode ser resumida nesta passagem: “Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo...”.

chicanos (e outros latinos), serem considerados sexualmente mais “competentes” do que os americanos pelos próprios americanos. Os americanos vingam-se dos latinos através de outros discursos, e então as piadas dirão que eles são sujeitos, ignorantes, que todas as mulheres do grupo tal são disponíveis etc. Para que a motivação de tais piadas seja pensável, é necessário que este outro discurso - o que explicita e constrói a superioridade sexual dos latinos - também circule: temos, nesse único caso, um exemplo de condições de produção e um exemplo de interdiscurso. Mas, é preciso também que tal inveja seja inconsciente e/ou inconfessável, pelo menos em determinados contextos, para que apareça nas piadas, apenas indiretamente, de forma que nem o contador da piada saiba, eventualmente, que veicula esse discurso resultante de sua inveja - mesmo que ele, pessoalmente, não seja ou não esteja possuído por esse sentimento e não tenha nenhuma vontade consciente de eliminar chicanos, sentimento que substituiria, civilizadamente, isto é, como efeito de algum tipo de repressão de suas pulsões, pelos chistes ofensivos.

Não se pode dispensar nenhum desses fatores na análise de uma piada, a não ser por razões de preferência ou de escolha de prioridades. Se não se efetuar a análise do material lingüístico, deixa-se de explicitar os sentidos envolvidos, os fatores cruciais envolvidos em sua produção, as regras envolvidas em cada uma das interpretações, as estruturas alternativas que estão “escondidas” numa mesma seqüência etc. Alguns analistas do humor pensam que se pode dispensar essa análise, já que usualmente se supõe que os falantes conhecem a língua e, portanto, não há nada de interessante a ser explicado. Mas isso é tudo o que um lingüista não pode fazer...

Não se podem dispensar os fatores históricos e psicanalíticos (que a AD invoca como relevantes para explicar o funcionamento dos discursos em geral), pois sem eles não se compreenderá porque as piadas são relativas a tais temas e não a outros, porque são tão poucas e tão repetidas, porque elas são anônimas, porque provocam o riso (prazer), porque nem todas podem ser contadas em todos os ambientes etc. Além disso, sem considerar esses pontos de vista, em especial os da psicanálise, deixam de ser explicitadas certas propriedades da linguagem, principalmente aquelas que estão na base do duplo sentido e do sentido inesperado (mas intencionado pela piada e em geral conhecido do contador da piada). O que afetaria a teoria lingüística explícita que se adota para descrever a piada...

Finalmente, não se podem dispensar os fatores pragmáticos, porque são eles que explicam porque, numa determinada circunstância, alguém conta uma piada adequadamente e outro é capaz de entendê-la. Se alguém contar mal uma piada ou se alguém não entender uma piada, pode-se com relativa facilidade determinar exatamente o problema ocorrido com o falante, com o texto ou com ambos e, eventualmente, com um por causa do outro. Esse fato é melhor compreendido se se operar com uma teoria de linguagem que não seja apenas gramatical (sem deixar de sê-lo), que não seja apenas pragmática (sem deixar de considerar os falantes reais que estão envolvidos numa situação real de discurso) e que não deixe de ser discursiva¹², porque esta é a teoria que

¹² Tenho consciência dos riscos (ou, pelo menos, de alguns) que corro ao enumerar os fatores desta forma, porque ela pode dar a entender que os fatores lingüísticos não são discursivos, que se trata de níveis etc. Para poder ser breve e poder formular o problema, conto, bem à moda de um pragmaticista, com leitores

melhor explicita a complexidade da linguagem, em especial a indeterminação das línguas naturais, e a complexidade de seu funcionamento - sobretudo, a interdiscursividade. Seria uma perda para uma teoria da linguagem se ela desprezasse esta estreita conexão entre um falante individual e sua língua pela invocação do fato irrefutável de que a língua é social e histórica... Como se, para invocar um papel ativo para o sujeito falante, fosse necessário supor que então ele estivesse fora da história. Penso que as oposições relevantes (e baseadas em boa lógica) são oposições do tipo “o sujeito faz vs. o sujeito não faz”, “sabe vs. não sabe”, “é individual vs. é social”, e não, por exemplo, “o sujeito sabe vs. é social”, como se o fato de alguém ser social implicasse em que não pode conhecer; ou se o fato de atribuir-se uma ação a alguém devesse implicar que ele não é social. Qual a incompatibilidade entre ser social e ser ativo¹³? Qual a incompatibilidade entre ser “clivado”, dividido, e poder conhecer, ter experiências relevantes?

Para finalizar, apresento duas piadas que carregam mais evidências em favor da tese aqui defendida. A primeira é citada e analisada em Sherzer (1985: 218). A piada é a seguinte (cito-a no original também porque haveria perdas em traduzi-la):

(2) - *“Governor Wallace of Alabama died and went to heaven. After entering the pearly gates, he walked up to the door of a splendid mansion and knocked. A voice inside exclaimed, “Who dat?” Wallace shook his head sadly and said, “Never mind, I’ll go the other way”.*

Eis a análise, quase literalmente retirada da fonte em questão: alguns dos sentidos pressupostos nesta piada são o papel de George Wallace como Senhor Racista na sociedade americana (especialmente em 1964, quando a piada foi coletada); o desejo¹⁴ (a morte do governador racista); a diferença entre céu e inferno e a idéia de que racistas serão eventualmente punidos neste caso particular; governo e povoamento do céu por negros e não por brancos, incluindo a possibilidade de que Deus e os apóstolos sejam negros, tudo isso enfeixado¹⁵ no enunciado de duas palavras *Who dat?*, que envolve os traços entoacionais, fonológicos e sintáticos básicos do estereótipo do Black English. Além disso, a piada deixa ambíguo se no céu há segregação (todos são negros) ou se há integração (se há negros e brancos).

São nitidamente pragmáticos os seguintes “sentidos pressupostos”: conhecimento do papel de Wallace, da diferença entre céu e inferno, da possível punição dos racistas.

pragmaticamente tolerantes e “competentes”. No caso, que pelo menos considerem o texto em sua totalidade e que leiam as partes a partir do todo.

¹³ A bem da verdade, penso que uma das oposições que propus como razoáveis não se sustenta. É a oposição entre individual e social. Pode-se muito bem fazer a hipótese de que o indivíduo é social, isto é, que vem a ser exatamente o que vem a ser numa sociedade organizada de determinada forma. Uma das instâncias para se pensar esta não contradição é conceber o psicológico como dependente, resultado do social, invertendo a equação em relação a várias psicologias, como o propõe, por exemplo, Bakhtin/Voloshinov (1930): “Uma das tarefas mais essenciais e urgentes do marxismo é constituir uma psicologia verdadeiramente objetiva. No entanto, seus fundamentos não devem ser nem fisiológicos nem biológicos, mas SOCIOLÓGICOS” (p. 48)

¹⁴ No original, *wishfull thinking*.

¹⁵ No original, “keyed”, terminologia atribuída a Goffman.

É provavelmente da instância da psicanálise o “desejo” de que Wallace morra. E são certamente mais inferidos do que pressupostos os relativos às hipóteses de que os apóstolos e Deus sejam negros, bem como a dúvida sobre se há ou não segregação no céu, na medida em que esses sentidos estão “keyed” na expressão *Who dat?* e têm que ser interpretados. No entanto, *saber* que ela é característica do Black English é outro ingrediente pragmático relevante para compreender esta piada (tanto é que quem não conhecer esta particularidade pode não captar vários desses sentidos).

A segunda piada presta-se para exemplificar que a análise discursiva e a pragmática não precisam ser excludentes:

(3) *Diálogo entre uma senhora e seu ginecologista:*

- *Qual é o anticoncepcional que a senhora está usando?*
- *Meu anticoncepcional atualmente é Norma.*
- *É algum tipo de contraceptivo oral?*
- *Às vezes.*

Um “cognitivista”, defensor da competência comunicativa e da enciclopédia do falante/ouvinte diria que essa piada, para que possa ser entendida, demanda um leitor com uma certa enciclopédia, um certo tipo de conhecimento do mundo: especificamente, é preciso que ele conheça um pouco sobre opções e sobre técnicas sexuais. Já uma análise “discursiva” diria que o que o texto dessa piada supõe são outros discursos, os que tematizam e veiculam o lesbianismo e o sexo oral. A análise pode parecer um tanto caricatural, mas esse tipo de conhecimento é suficiente (e necessário) para entender uma piada. Já que as piadas operam frequentemente com estereótipos, não é necessário um conhecimento típico de *experts* relativamente aos campos pertinentes.

Ou seja, o discurso é tratado, num caso, do ponto de vista de um necessário e pressuposto conhecimento de mundo por parte dos interlocutores envolvidos na narração e compreensão desta piada. No outro, não se trata de um *conhecimento de mundo*, mas de uma cadeia interdiscursiva na qual se relacionam de alguma forma o discurso desta piada com *outro(s) discurso(s)*. Penso que uma análise da piada - e de qualquer outro texto - que dispense um desses pontos de vista perderá em qualidade. E, principalmente, sustento que um ponto de vista não exclui o outro.

Um dos possíveis problemas que esta proposta de incorporação da pragmática (de uma certa pragmática, de determinados ingredientes da pragmática etc) pela AD pode sofrer é o de ser acusada de transformar o discurso da AD numa pragmática. Esta hipótese pode até ser verdadeira, e, se o for, não é a que eu penso estar propondo. Mas, há outra maneira de pensar a questão: se determinados elementos do discurso da pragmática forem incorporados à AD, esses ingredientes da pragmática é que passarão a ser afetados pelo discurso da AD, e passarão a fazer parte dele. Afinal, os enunciados recebem sua interpretação do discurso a que pertencem... Além do mais, este não seria o único exemplo de apropriação de outro discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. "Marx e Freud". in: **Freud e Lacan; Marx e Freud**. Rio de Janeiro, Graal, 1978, pp. 75-93.
- AUTHIER-RÉVUZ "Heterogeneidade(s) enunciativa(s). in: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 19. Campinas, IEL/Unicamp. 1990. pp. 25-42. (número especial sobre Análise do Discurso, organizado por Orlandi, E. P. e Geraldi, J. W.), (1984).
- BAKHTIN, M./Voloshinov, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec. 1986 (1930).
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo, Unesp-Hucitec. 1988 (1975).
- BUNGE, M. **Teoria e realidade**. São Paulo, Perspectiva. Coleção Debates, 1974.
- CHIARO, D. **The language of jokes**. London-New York, Routledge, 1992.
- COSTA, J. F. "Introdução: como nos espelhos, em enigmas". in: **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994a, pp. 17 - 55.
- _____. "Pragmática e processo analítico: Freud, Wittgenstein, Davidson, Rorty". in: Costa, J. F. (org.). **Redescrições da psicanálise**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994b, pp. 9 - 60.
- DASCAL, M. "Language use in jokes and dreams: sociopragmatics vs. psychopragmatics". in: **Language & Communication**, 5 (2), 1985, pp. 96-106.
- FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro, Imago, 1905.
- GRICE, H. P. "Lógica e conversação". in: Dascal, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**. vol. IV. Campinas, Edição do Autor, 1967, pp. 81 - 103.
- LAKATOS, I. "O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica". In: Lakatos, I. e Musgrave, A. (orgs.) **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo, Edusp-Cultrix, 1965, pp. 109 - 243.
- LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. São Paulo, Busca Vida, 1987.
- PÊCHEUX, M. e Fuchs, C. "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas". in: Gadet, F. e Hak, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Editora da Unicamp, 1975, pp. 163 - 252.
- ROBIN, R. **História e lingüística**. São Paulo, Cultrix, 1975.
- SERRANI, S. M. **A linguagem na pesquisa sociocultural; um estudo da repetição na discursividade**. Campinas, Editora da Unicamp, 1993.
- SHERZER, J. "Puns and jokes". in: van Dijk, T. A. **Handbook of discourse analysis**. vol. 3. London, Academic Press, 1985, pp. 213 - 221.
- SPERBER, D. e Wilson, D. **Relevance**. Oxford, Basil Blackwell Ltd., 1986.